

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE EM SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
AGROINDUSTRIAL**

CAMILA AZEVEDO DE LIMA

**CAMPESINATO, GÊNERO E SUCESSÃO:
AS ESTRATÉGIAS DAS MOÇAS PARA PERMANECEREM NO CAMPO**

SANTANA DO LIVRAMENTO, RS

2019

CAMILA AZEVEDO DE LIMA

**CAMPESINATO, GÊNERO E SUCESSÃO:
AS ESTRATÉGIAS DAS MOÇAS PARA PERMANECEREM NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa

SANTANA DO LIVRAMENTO, RS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732c Lima, Camila Azevedo de
Campesinato, gênero e sucessão: as estratégias das moças para permanecerem no campo / Camila Azevedo de Lima. – Santana do Livramento, 2019.
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2019.

Orientador: Profª Drª Cassiane da Costa.

1. Jovens camponesas. 2. Gênero. 3. Estratégias. 4. Sucessão.
I. Costa, Cassiane da. II. Título.

CAMILA AZEVEDO DE LIMA

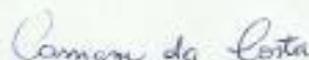
**CAMPESINATO, GÊNERO E SUCESSÃO:
AS ESTRATÉGIAS DAS MOÇAS PARA PERMANECEREM NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial, na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da
Costa

Aprovado em: 08/07/2018

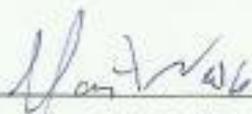
BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa – Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS



Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA



Prof. Dr. Marcio Zambone Neske
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Aos meus pais Antônio e Jane, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

DEDICO ESSA MONOGRAFIA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo ao longo dessa caminhada em direção da conclusão da minha formação acadêmica.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por te me dado forças de chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais Jane e Antônio, pois sem eles eu não teria a educação e a força de vontade para lutar e assim um dia vencer.

Também agradeço aos meus sogros e meu companheiro de vida Everton por todo o apoio essencial necessário.

Agradeço a todas as jovens rurais que tiveram a disponibilidade para colaborar com o desenvolvimento da pesquisa, sendo que forma os elementos principais, sem elas não seria possível.

Agradeço também a equipe da EMATER de Santana de Livramento, pela disponibilidade de ajudar para o desenvolvimento do trabalho;

À minha madrinha e extensionista de Emater Graciela, por todo apoio e incentivo dado para eu estudar e chegar onde estou;

Aos professores do Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) por terem sido fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, sendo todos muito dedicados ao ensino e compreensão, sem eles não chegaria até esse momento.

Também sou grata a minha ilustre orientadora Prof^aDr^a Cassiane da Costa, pelo carinho, aprendizado, dedicação, disponibilidade e contribuição na minha monografia.

E assim também agradeço aos/às demais amigos/as que estiveram junto comigo nessa batalha.

As pequenas boas coisas parecem não ser nada, mas elas trazem a paz.
Assim são as flores do campo que acreditamos não terem perfume, mas que,
juntas, perfumam...

- Mahatma Gandhi

RESUMO

Vivenciamos uma crise sucessória no campesinato do Sul do Brasil, sendo que as moças são as principais agentes do êxodo rural. Nesse contexto, precisamos voltar nossa atenção para as jovens camponesas que permanecem no campo e suas estratégias para nele se manterem. Assim, essa pesquisa teve como objetivo geral pesquisar as trajetórias vivenciadas por jovens camponesas no município de Santana do Livramento/RS, buscando assim compreender as diferentes estratégias utilizadas pelas mesmas para permanência no campo. De forma específica, buscamos identificar a diversidade e complexidade que envolve as diferentes trajetórias de vida das jovens; entender as dificuldades encontradas por elas a partir do lugar de moça camponesa, e compreender as estratégias utilizadas para permanecer no campo. O desenvolvimento desta pesquisa utilizou o método de estudo de caso e a abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com sete jovens camponesas, com auxílio de um roteiro de perguntas semi-estruturadas. Essas jovens, que tiveram suas identidades preservadas, utilizando-se de pseudônimos de flores nativas do Bioma Pampa, têm entre dezenove e trinta anos. Percebe-se que as trajetórias de vida das moças se diferenciam bastante, pois além de sistemas de produção diferentes e trabalhos diferentes, estas jovens pertencem a grupos sociais que têm especificidades, como assentados da reforma agrária, quilombolas, pecuaristas familiares. Assim, estudar suas trajetórias e escolhas é uma tarefa envolta em complexidade que exige dedicação e tempo, entretanto necessária. Dessa forma, encaramos esse desafio, pelo menos iniciando a caminhada. Em relação às dificuldades encontradas por essas moças identificamos a necessidade de enfrentar o machismo existente no campo, a falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido por elas, a dificuldade de participar da gestão da propriedade e a dificuldade ao acesso à educação. Quanto às estratégias, as moças se valem de vários trabalhos, tanto agrícolas como não agrícolas, para geração de renda, na expectativa de concretizarem seus projetos de vida no campo. É necessário que os órgãos competentes e a sociedade em geral tenham um olhar diferenciado a essas moças camponesas, visando o reconhecimento do seu espaço, invocando respeito, visibilidade, voz e vida mais digna.

Palavras-chave: jovens camponesas, gênero, estratégias, sucessão

RESUMEN:

Vivimos una crisis sucesoria en el campesinado del sur de Brasil, siendo que las jóvenes son las principales agentes del éxodo rural. En ese contexto, necesitamos volver nuestra atención a las jóvenes campesinas que permanecen en el campo y sus estrategias para ello. Así, esa investigación tuvo como objetivo general investigar las trayectorias vivenciadas por jóvenes campesinas en el departamento de Santana do Livramento / RS, buscando así comprender las diferentes estrategias utilizadas por las mismas para permanencia en el campo. De forma específica, buscamos identificar la diversidad y complejidad que envuelve las diferentes trayectorias de vida de las jóvenes; entender las dificultades encontradas por ellas desde el lugar de la joven campesina, y comprender las estrategias utilizadas para permanecer en el campo. El desarrollo de esta investigación utilizó el método de estudio de caso y el abordaje cualitativo. Fueron realizadas entrevistas con siete jóvenes campesinas, con ayuda de un itinerario de preguntas semiestructuradas. Esas jóvenes, que tuvieron sus identidades preservadas, utilizándose de seudónimos de flores nativas del Bioma Pampa, tienen entre diecinueve y treinta años. Se percibe que las trayectorias de vida de las jóvenes se diferencian bastante, pues además de sistemas de producción diferentes y trabajos diferentes, estas jóvenes pertenecen a grupos sociales que tienen especificidades, como asentados de la reforma agraria, comunidades de quilombo, ganadería familiar, etc. Así, estudiar sus trayectorias y opciones es una tarea envuelta en complejidad que exige dedicación y tiempo, sin embargo necesaria. De esa forma, encaramos ese desafío, al menos iniciando la caminata. En relación a las dificultades encontradas por esas jóvenes identificamos la necesidad de enfrentar el machismo existente en el campo, la falta de reconocimiento del trabajo desarrollado por ellas, la dificultad de participar en la gestión de la propiedad y la dificultad al acceso a la educación. En cuanto a las estrategias, las jóvenes se valen de varios trabajos, tanto agrícolas como no agrícolas, para generación de renta, en la expectativa de concretar sus proyectos de vida en el campo. Es necesario que los órganos competentes y la sociedad en general tengan una mirada diferenciada a esas jóvenes campesinas, buscando el reconocimiento de su espacio, invocando respeto, visibilidad, voz y vida más digna.

Palabras clave: jóvenes campesinas, género, estrategias, sucesión

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
2.1 SOBRE A JUVENTUDE RURAL.....	17
2.2 O LUGAR DA MOÇA NO CAMPESINATO	19
2.3 PROJETOS DE VIDA DAS MOÇAS DIANTE DA CRISE SUCESSÓRIA NO CAMPESINATO.....	22
3 METODOLOGIA	26
4 RESULTADOS	28
4.1 A DIVERSIDADE E A COMPLEXIDADE QUE ENVOLVEM AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS JOVENS.....	28
4.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS POR ELAS A PARTIR DO LUGAR DE MOÇA CAMPONESA	32
4.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PERMANECER NO CAMPO	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE A – Roteiro De Questões.....	45
APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido	46

1 INTRODUÇÃO

No Rio Grande do Sul, nas últimas décadas, existe uma grande migração de jovens do campo para a cidade, principalmente moças, provocando cada vez mais a masculinização e o envelhecimento da população que permanece no campo (COSTA; FROEHLICH, 2014). Nesse contexto, a sucessão no campesinato tem sido um dos grandes problemas encontrados no rural do Sul do Brasil. Quem dará continuidade às propriedades familiares? O que acontecerá com as propriedades sem sucessores (as)? Como combater esse problema? Para começar, é necessário conhecer melhor quem são as jovens e os jovens do campo, prováveis sucessores (as).

Muitas vezes, as jovens do campo acabam indo embora para a cidade para estudar, casam e ficam por lá. Isso costuma acontecer devido ao grande sonho dos pais que suas filhas se formem e virem doutoras. Geralmente, eles vêm com aquele mesmo argumento: “Minha filha, seu lugar não é aqui no campo para passar trabalho, e sim na cidade. Seu futuro está lá”. Sabemos que muitas jovens do campo não tem a oportunidade de continuar seus estudos a nível médio e superior devido às condições financeiras da família, falta de escolas no espaço rural, problemas infra-estruturais, etc. Algumas moças casam cedo achando que vão se liberar dos problemas em casa e acabam virando jovens do lar, deixando de lado seus objetivos e ideais. Em outros casos, as jovens engravidam e não contam com apoio para o cuidado dos filhos, desistindo de estudar.

As moças costumam enfrentar mais adversidades para seguir no campo do que os rapazes. Vivemos numa sociedade patriarcal¹, onde a dominação masculina acontece em diferentes contextos, como o campesinato. Aspectos como o baixo poder de decisão das jovens na propriedade, a falta de autonomia para utilização dos frutos do seu trabalho, a invisibilidade e o maior controle social, podem potencializar a decisão pela vida urbana. Por outro lado, vemos que o

¹ Conforme Saffioti (1997 p.63-70), “O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. [...] o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito”.

empoderamento das mulheres do campo, cada vez está vindo com mais força, através da união dessas mulheres para lutar pelos seus direitos.

No campo, a realidade é diferente da cidade. No campesinato, as mulheres são essenciais para a produção voltada ao autoconsumo, e os excedentes de alimentos se tornam renda para a família em venda através de canais como feiras ou de porta a porta. Desejamos a independência financeira e social que os estudos podem propiciar, mas a distância da família é um fator que causa desistência de muitas jovens tornando um sonho impossível. Muitas vezes, por a escola ser quase 50 km da sua propriedade, porque o marido não deixa, tem filho pequeno e não tem com que deixar, porque não acha futuro estudar e ficar no campo, estradas precárias que o ônibus não cruza, esses são alguns fatores entre outros.

A possibilidade de estudar não deve ser sinônimo de êxodo rural, como acontece muitas vezes na realidade do rural de Santana do Livramento. Pelo contrário, quanto mais as jovens e os jovens rurais estudarem, mais estarão preparados (as) para viverem no campo com qualidade de vida, mantendo suas raízes e trazendo mais conhecimento para sua propriedade e o entorno. Essa é a preocupação que me mobilizou a escolher o tema de estudo da monografia, que está relacionado à minha formação acadêmica e a minha trajetória de jovem do campo.

No meu caso, moça do campo Camila, terminei o ensino médio com dezessete anos e não tive incentivos dos meus pais para cursar um curso superior. A falta de condições financeiras da família também pesou nesse caso. Então fiquei trabalhando na propriedade, criando ovelhas, trabalhando com artesanato, fazendo doces e pães, trabalhando em família. Tivemos o acompanhamento da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) através de visitas técnicas e capacitação. Tive o privilégio de participar de concurso de jovem rural na cidade de Uruguaiana, onde tirei primeiro lugar em jovem destaque em geração de renda. Representando a Fronteira Oeste, fui contemplada com notebook e curso profissionalizante, onde eu fiz um curso de queijos artesanais na fazenda Souza em Caxias Do Sul. Tivemos a oportunidade de participar da feira da agricultura familiar, onde fazíamos a pé 5 km para poder pegar o ônibus e levar nossos produtos para vender, e a tarde fazia o mesmo percurso. Seguimos assim até conseguirmos comprar o nosso primeiro carro, nosso fusca azul, o qual enchíamos de queijo e pães e frangos caipiras para vender.

Sabíamos do risco que estávamos correndo por vender queijos e outros produtos sem legalização, até que fomos convidados a participar de uma reunião da Emater onde falaram quais as formas para regularizar a produção. Nesse meio tempo veio uma verba do FEAPER (Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais) pela qual foram contempladas cinco agroindústrias e tivemos o privilégio de sermos contemplados e montamos a nossa agroindústria familiar de queijos, onde trabalhamos por dois anos. Certo dia ao vir para cidade passear onde uma amiga e acadêmica da UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) me falou do curso e que ela estava fazendo e me convidou a fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Nesse momento, não acreditava na minha aprovação, mas consegui.

Dez anos após ter terminado o ensino médio, tive a oportunidade de poder cursar um curso de graduação gratuito e ligado a minha área. Durante o período do curso, precisei largar a agroindústria e me aventurar na cidade para poder estudar, pois não havia ônibus que pudesse me levar da propriedade da família, localizada na Tafona, à cidade para estudar à noite. Consegui um estágio remunerado na Prefeitura Municipal, e contei com o apoio de amigos e amigas. Meus pais estavam se aposentando e com os salários deles não tinham como me manter na cidade. Os primeiros dois anos foram de sufoco, muitas vezes chorando e com vontade de desistir, de largar tudo e voltar para o interior. Não desisti graças ao apoio de amigos (as), colegas e até mesmos dos professores (as) que me deram muito apoio e fizeram-me enxergar de outra forma, que passaria rápido, eu voltaria logo para casa com uma bagagem enorme de conhecimentos. Agora estou aqui, terminando meu curso e gostaria que outras jovens camponesas como eu tivessem a oportunidade de poder estudar sem esquecer suas origens, e cada vez mais poder seguir lutando para que jovens mulheres se qualifiquem e lutem pelas suas ideias.

Nessa perspectiva, definimos como objetivo geral desse estudo pesquisar as trajetórias vivenciadas por jovens camponesas no município de Santana do Livramento/RS, buscando assim compreender as diferentes estratégias utilizadas pelas mesmas para permanência no campo. De forma específica, buscamos identificar a diversidade e complexidade que envolve as diferentes trajetórias de vida das jovens; entender as dificuldades encontradas por elas a partir do lugar de moça camponesa; e compreender as estratégias utilizadas para permanecer no campo.

Dizendo de outra forma, o que buscamos fazer nessa monografia é entender as estratégias utilizadas pelas moças camponesas para permanecerem no campo em um contexto que pode ser percebido como adverso, já que é marcado pela crise sucessória e pela dominação masculina. Teoricamente, optamos pelas noções de meios de vida e diversificação de meios de vidas de Frank Ellis como bases para a compreensão dessa problemática. Como jovem do campo, já utilizei muitas estratégias para me manter como, por exemplo, elaborar alimentos; como pães, queijos e linguiças e vender informalmente; abrir uma agroindústria familiar de queijos; preparar pelegos; fazer e comercializar artesanatos; trabalhar por dia como cozinheira, etc. Dessa forma, sei o quanto as moças do campo lutam por seus projetos de vida no rural, buscando diferentes alternativas as diversas dificuldades encontradas.

Sendo assim, houve a escolha do tema devido à grande carência de materiais produzidos onde a jovem seja o sujeito central de investigação das pesquisas sobre a sucessão no campesinato, salvo algumas raras exceções. Desta forma, é importante tirá-las de dentro de abordagens mais generalistas sobre a juventude rural que colaboram com a sua invisibilidade, para poder compreender a complexidade e as especificidades vivenciadas por essas jovens camponesas. Em Santana do Livramento/RS ainda existe uma grande lacuna a ser preenchida em relação a estudos que retratem a real situação da juventude do campo, precisando dar atenção tanto aos sentidos de êxodo rural seletivo por sexo e idade, como aos (às) jovens que permanecem na propriedade, colaborando com a reprodução social do campesinato.

Os estudos sobre sucessão no campesinato no Brasil costumam centrar suas atenções sobre as intenções de jovens de sair ou continuar na propriedade, justificando principalmente as motivações que levam ao êxodo rural. Entendemos que precisamos mudar o foco do problema, atentando para jovens que permanecem no campo, buscando entender as estratégias que utilizam, principalmente as moças, que são as que mais migram para a cidade. Esperamos, dessa forma, colaborar com reais subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da permanência das jovens no campesinato.

Eu, como jovem camponesa, acredito que esse trabalho seja fundamental para o encorajamento e esclarecimento de outras moças quanto ao seu importante

papel no campesinato e no território. Nós, moças camponesas da Pampa Brasileira, precisamos de visibilidade e de valorização.

Esta monografia está estruturada de forma a dividir o trabalho em itens, sendo esses, além dessa introdução, revisão bibliográfica, onde busca-se dar uma ideia geral do tema e conta com os subitens “Sobre a juventude rural”, “ O lugar da moça no campesinato” e “Projetos de vida das moças diante da crise sucessória no campesinato”. Logo em seguida vem o item metodologia, que descreve de que forma o trabalho foi desenvolvido. Na continuidade, estão os resultados organizados nos subitens “A diversidade e a complexidade que envolvem as diferentes trajetórias de vida das jovens”, “Dificuldades encontradas por elas a partir do lugar de moça camponesa”, e “Estratégias utilizadas para permanecer no campo”. Por último, aparecem as considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesse capítulo discutiremos assuntos referentes à temática estudada, buscando fornecer ao(a) leitor(a) alguns elementos gerais sobre a juventude do campo, em especial, sobre as especificidades que envolvem as questões de gênero, geração e reprodução social no campesinato. O item está dividido em três partes. Iniciaremos retomando estudos sobre a categoria juventude rural. Na sequência, voltaremos nossa atenção para as jovens camponesas. Por fim, atentaremos para os projetos de vida dessas jovens de forma relacionada à crise sucessória no campesinato.

2.1 SOBRE A JUVENTUDE RURAL

No final do século XX e nesse início do século XXI temos presenciado um grande impulso no debate sobre a juventude. Porém, no que concerne à chamada “juventude rural”, os estudos e a produção são bem menores, o que faz com que a juventude rural no Brasil seja pouco conhecida (CARNEIRO; CASTRO, 2007). De acordo com Castro (2009), uma possível explicação para isso pode ser o fato de aqueles identificados como juventude rural serem percebidos como uma população específica, uma minoria da população jovem do país. Contudo, mesmo apresentados como “minoria”, não se trata de um contingente pequeno (CASTRO, 2009).

Alguns pesquisadores trabalham a juventude de forma relacionada a uma faixa etária. Nesse sentido, podemos identificar pelo menos três definições de faixa atualmente no Brasil: 15 a 24 anos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), 15 a 29 anos (Estatuto da Juventude – lei nº 12.852/13) e 16 a 32 anos (Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais e outros movimentos sociais do campo) (CASTRO; CARNEIRO, 2007; CASTRO, 2009). Porém, conforme Castro (2009) essas definições de faixa etária costumam ser homogeneizadoras, e por isso não devem ser naturalizadas.

Desta forma, um dos maiores desafios existentes é a definição conceitual sobre juventude, não existindo apenas um conceito sobre o tema. Conforme o olhar, a juventude corresponde a diferentes perspectivas. Troian (2014) entende juventude por uma construção social e cultural, sendo uma condição, uma fase fundada em representações coletivas variadas, tais como as que conferem sentidos ao

pertencimento a uma faixa etária, que demarca um período de transição no ciclo de vida no qual se experimenta uma série de novos papéis sociais. Ainda conforme a autora entende-se por jovens os atores que estão na juventude sendo sujeitos que vivem os processos de socialização específicos. Nesse sentido, a juventude seria um período da vida situado entre a infância e a vida adulta, onde acontecem mudanças significativas.

Para Carneiro e Castro (2007), a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária. Nesse sentido, Moura e Ferrari (2016) entendem que o período compreendido como juventude é representado na sociedade com uma variedade de significados e de definições que podem ultrapassar as determinações de faixa etária, uma vez que abrangem as relações sociais que estabelecem com o mundo e o papel que ocupam nos espaços sociais que percorrem.

Para Marin (2017), a juventude deve ir muito além de uma etapa da vida das pessoas, a juventude deve ser entendida como uma construção social, na medida em que as sociedades, em diferentes tempos históricos e espaços geográficos, produziram distintos espaços, concepções e simbologias para assinalar os limites das fronteiras entre as idades.

Para Bourdieu (1983), existe a idade biológica e a idade social, afirmando que elas são indissociáveis. Conforme o autor, a idade é socialmente construída e varia em cada sociedade, nos diferentes momentos históricos e a partir de distinções de idade, gênero e classe questionando os usos de termos como “jovem”, “juventude” e “velho” como dados a priori. A identificação ou auto-identificação é relacional, sendo que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983).

Alguns trabalhos que abordam “jovem camponês” ou “juventude rural” relacionando-os menos ao papel de “vanguarda” como nos trabalhos sobre “jovens urbanos”, os esforços se voltam para analisar “jovens rurais” associados ao “problema da migração rural/urbano”. No caso da juventude do campo, as pesquisas costumam tratar de temas relacionados à migração rural/urbano e sucessão na propriedade camponesa. No Brasil, são referências sobre juventude rural autores (as) como Elisa Guaraná Castro; Rosani Marisa Spanevello e Joel Orlando Bevilaqua Marin.

Conforme Durston (1998), alguns trabalhos tratam da importância de políticas públicas voltadas para o jovem rural, visando “manter o jovem no campo” e “empoderá-los” de capacidade de liderança tornando-os agentes de uma transformação social que resgate o campo.

Conforme Marin (2009), a juventude rural na América Latina é uma invenção do capitalismo industrial. Ela é resultado de uma construção social oriunda de um longo processo de expansão do capitalismo no campo. Na América Latina, a categoria jovem rural foi construída durante a Modernização da Agricultura, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, com apoio do Estado e do setor privado. Essa construção teve o objetivo de transformar os (as) jovens rurais em propagadores (as) de ideias pró-modernização da agricultura e de inovações tecnológicas no espaço rural. Assim, a aposta se deu em oferecer formação a pessoas que estavam entre a infância e a fase adulta, para que eles (as) se tornassem futuros agricultores e donas de casa com o perfil de adotantes de novas tecnologias (MARIN, 2009). Assim, conforme Marin (2009), surgiram os grupos 4S da Emater, por exemplo, com a perspectiva de formar jovens rurais modernos (as), agentes de desenvolvimento rural (percebido como modernização nesse caso).

2.2 O LUGAR DA MOÇA NO CAMPESINATO

Quando estudamos a juventude do campo, precisamos atentar para as relações de gênero que envolvem a vida dos (as) jovens. As relações de poder que acontecem dentro da família camponesa, e perpassam outros espaços sociais relacionados ao rural, envolvem gênero e geração, entre outros marcadores sociais. A família é a estrutura que dá sustentação ao campesinato. Entretanto, precisamos entendê-la também como um campo social de disputa por poder. Nesse contexto, a jovem costuma ser submetida duas vezes ao poder do pai e dos demais membros da família, como filha e como mulher (COSTA, MARIN, 2018). Assim fica clara a necessidade de aliar a abordagem de gênero e de geração ao tratar do lugar da moça no campesinato.

Por campesinato entendemos um modo de vida, no sentido de Moura (1988, p.69).

Ora, o conceito de camponês tem um peso que transcende a materialidade econômica da troca de mercadorias e sugere imediatamente características

de sua organização social, tais como o trabalho familiar, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político. Se por um lado essas características são recortadas dialeticamente por outras provindas da classe dominante, ou mais difusamente, do conjunto da sociedade, essa conceituação permite penetrar abertamente no espaço das superestruturas, da cultura, do modo de vida”.

O patriarcado e a dominação masculina mostram-se de forma intensa no âmbito do campesinato. No contexto do RS, Brumer (2004) diz que as mulheres costumam sofrer problemas como a desvalorização do trabalho na agricultura familiar que é percebido como ajuda, a invisibilidade do trabalho no âmbito produtivo, a baixa participação na gestão da propriedade, a divisão desigual da herança da terra, etc.

Gouveia (2003) é bastante contundente na sua análise de que, a agricultura familiar, mesmo nas suas formas mais democráticas não tem sido capaz de enfrentar as desigualdades de gênero, permanecendo um setor onde as mulheres têm a sua autonomia bastante restrita, e a sua cidadania negada, seja pelo estado ou pela sociedade civil. Para esta autora, esta situação se explica porque tanto o Estado como a sociedade trabalham com uma visão ideal de família, em que as pessoas mantêm entre si fortes laços de complementaridade, mas permanecem articuladas por um poder central, exercido pelo “marido/pai”.

Anita Brumer (2008), numa pesquisa realizada com jovens, filhos e filhas de agricultores familiares, na região sul do Brasil, percebeu que no processo de socialização profissional, há diferenças entre rapazes e moças, as quais geralmente são poupadas ou excluídas da atividade agrícola principal, deixando para elas atividades domésticas. Isso também fica evidente em um relato de uma entrevista feita a uma jovem moça por Marin (2018), onde ela diz; “*Eu vou na lavoura atardinha, meus pais são agricultores, plantadores de fumo e eu ajudo em casa nos afazeres de casa e da horta.*” Nessas condições, a jovem rural reproduz o discurso patriarcal e se define como uma ajudante do pai na lavoura e da mãe nos espaço domésticos.

Embora estas atividades desenvolvidas com o pai tragam renda para a família e as tarefas feitas com a mãe sejam para a produção para o autoconsumo, sendo identificadas como tarefas de limpeza, preparo dos alimentos, cuidado das crianças, trabalhos da horta e do quintal, transformação artesanal de produtos alimentícios para consumo dos membros da família etc. Essa mão-de-obra

empregada pela jovem rural não é considerada uma forma de trabalho e sim uma ajuda, desvalorizando a figura da jovem trabalhadora. O pai é vinculado por ela ao “produtivo”, a mãe ao “reprodutivo” e ela se vê como mera ajudante.

Para Marin (2018), a categoria gênero torna-se útil para o estudo de problemáticas vividas por jovens mulheres rurais no que refere a seus projetos profissionais e processos de emancipação social. Conforme Saffioti (2004) gênero é uma categoria analítica e histórica que está relacionada ao que é percebido como coisa de homem e coisa de mulher em determinado lugar e época. Assim, gênero remete às imagens construídas pela sociedade entorno do masculino e do feminino, estando essas relacionadas (SAFFIOTI, 2004).

As especificidades da vida e do trabalho das moças ainda não foram devidamente contempladas por pesquisadoras(as) dedicados(as) à juventude rural. Conforme Marin (2018), as jovens rurais até podem integrar estudos, mas quase nunca como sujeitos sociais centrais da análise. Desta forma as jovens rurais tornam-se invisíveis ou subsumidas nas amplas categorias, agricultura familiar e juventude rural, o que dificulta a compreensão de particularidades de suas condições de existência e de suas inserções institucionais e laborais, bem como de suas representações sociais (MARIN, 2018).

Outro fato bem conhecido, é que o acesso das mulheres à terra é menor que o dos homens no mundo todo. A conquista do direito a esse bem não significou uma possibilidade concreta de filhas de agricultores/as partilharem a herança em pé de igualdade com seus irmãos homens. Em estudo realizado por Maria Ignez Paulilo, é possível entender que nas regiões de colonização italiana e alemã dos três estados do Sul do País, há um mesmo padrão a respeito da herança da terra. Mesmo que esse padrão comporte variações, é possível dizer com segurança que são principalmente os filhos homens que herdaram a terra, sendo que muitas vezes o acesso das mulheres a esse bem só acontece através do casamento. Paulilo (2004), explica que existem exceções quando não há descendência masculina, quando há uma filha casada que cuida dos pais na velhice, quando os pais possuem muita terra ou, ao contrário, quando a exploração agrícola não tem importância como meio de produção para os herdeiros.

A autora ainda conta que na maioria das vezes às mulheres recebem um enxoval quando se casam, composto de mais ou menos itens dependendo das posses dos pais. As que não se casam nada recebem. O destino das celibatárias é

cuidar dos pais e, depois de sua morte, ficar ‘encostada’ na casa de uma irmã ou cunhada, ajudando nos afazeres domésticos. Conforme Paulilo (2004), em algumas regiões ainda se usa a palavra ‘dote’ para o que é dado às moças por ocasião do casamento.

Desta forma a o reflexo da desvalorização feminina perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família. A tradicional exclusão feminina do acesso à terra faz com que elas também sejam ignoradas pelas políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, por mais que as leis brasileiras condenem a discriminação por sexo (PAULILO, 2004).

2.3 PROJETOS DE VIDA DAS MOÇAS DIANTE DA CRISE SUCESSÓRIA NO CAMPESINATO

Em trabalho realizado a partir da inter-relação das categorias juventude rural e gênero, Marin (2017) faz uma análise de distintos projetos profissionais elaborado por jovens agricultoras familiares residentes em municípios da Região Central do Rio Grande do Sul. Desta forma, pode perceber que para fugir da desvalorização que sofre a moça camponesa, muitas jovens são empurradas para a cidade e investem nos estudos por acreditarem que a escola é a instituição que concede o reconhecimento social e a formação profissional necessárias para ocupação trabalhista fora da agricultura familiar. A escolarização prolongada e os diplomas de nível técnico ou superior são percebidos pelas jovens rurais como os caminhos mais rápidos e seguros para texturas da autonomia pessoal e ascensão social (MARIN, 2018).

Essa migração das moças para a cidade também é aproveitada e utilizada pelos chefes de família como estratégia de defesa do patrimônio quando não há terras suficientes para todos, desta forma o pai busca meios de adequação através da escolha do filho (homem) para tomar frente da propriedade, não deixando muitas alternativas as mulheres. Isso pode ser confirmado quando é possível observar numa pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul por Spanevello (2008), onde verificou que os pais acreditam serem os filhos homens os mais capacitados para suceder-lhes; as filhas mulheres somente são herdeiras da terra por exceção, em casos em que são filhas únicas, ou quando permanecem solteiras e a terra é

explorada junto com o irmão. As mulheres, ao mesmo tempo em que não são reconhecidas sucessoras da unidade produtiva, entram nesta atividade através do casamento. De qualquer forma, as mulheres são encaminhadas a diferentes formas de desistência da terra familiar (casamento com dote, êxodo, celibato), que podem ser considerados equivalentes a mecanismos de exclusão feminina da chefia de estabelecimentos agrícolas (BRUMER; ANJOS, 2012).

No entanto para Stropasolas (2004), escolarização, a imposição de padrões urbanos e as diferentes intervenções de instituições reguladas pelo Estado na agricultura também podem ter efeitos nas formas sucessórias e matrimoniais como estratégias de reprodução social. Desta forma, as jovens filhas de agricultores, ao atingirem alguma escolarização, não desejam casar-se com agricultores, para evitar submeter-se às condições de vida na agricultura, o que tem como contrapartida o celibato masculino entre agricultores.

Conforme Marin (2018), jovens mulheres rurais enfrentam diversas limitações para viabilizar a sucessão hereditária, mas elas lutam para construir a identidade de mulher, jovem e trabalhadora na agricultura familiar ao lado do marido, dos pais e dos irmãos. Atuam não como pessoas dependentes, mas como agentes sociais dotadas de capacidades para imprimir mudanças na família, na produção familiar nas relações mercantis e, enfim, no mundo em que vivem, para constituírem-se como sucessoras na agricultura familiar.

Castro (2005), a partir de pesquisa realizada em assentamento da reforma agrária do Rio de Janeiro, defende que a dualidade “ficar e sair” é marcada não só pela cobrança da atuação no lote e pela continuidade do trabalho familiar, como também pela forte valorização da formação escolar e do trabalho remunerado, o que na maioria das vezes resulta em uma ocupação urbana. Nessa pesquisa, ficam evidentes as dificuldades vivenciadas por jovens moradores da zona rural, os mesmos têm que percorrer longas distâncias para chegar até a escola e ainda sofrem preconceito de colegas e professores. Apesar das dificuldades de acesso, a frequência à escola é prioridade no discurso das famílias, que lançam mão de diversas estratégias para enfrentar as adversidades. Para aprofundar a compreensão dessas diferenças entre homens e mulheres e da dualidade “sair e ficar”, é preciso observar as inserções no mundo do trabalho externo ao lote e ao assentamento.

Castro (2005), observou que a maioria dos filhos homens que atuam na propriedade trabalham fora, de forma regular ou eventual, dentro do assentamento ou em trabalhos urbanos. Trabalhando em regime de “diária”, realizam serviços tais como capina, limpeza de terreno, conserto de cercas, colocação de moirões, etc. Esse trabalho tem para alguns a ajuda na manutenção do lote, já para outros o trabalho é o começo do processo de saída do assentamento, assim muitas vezes, provoca um gradual distanciamento de uma vida cotidiana no lote, mas não necessariamente uma ruptura da sua origem.

Já as jovens mulheres seguem uma dinâmica diferente. Elas costumam buscar emprego no comércio e em alguns casos como doméstica ou babá, mas têm mais dificuldade de se colocar no mercado de trabalho. Isso pode ser associado a um maior controle da família sobre as moças, que são “proibidas” ou sofrem muitas restrições quanto à circulação dentro e fora do assentamento (CASTRO, 2005).

Conforme Costa e Froehlich (2014), a seletividade feminina do êxodo rural costuma receber várias explicações por parte dos estudiosos. Uma delas está ligada ao fato de culturalmente estar atribuído ao homem o papel produtivo da lavoura e das lidas campeiras. À mulher tem cabido tradicionalmente o papel reprodutivo dos afazeres domésticos e do cuidado dos filhos, sendo desvalorizada como jovem agricultora. Para Redin (2014), como resultado dessa desvalorização ocorreu um aumento no processo de mudança na composição etária e de gênero do êxodo rural, e com isso alternando cada vez mais o tipo de população que habita o campo, vindo a ser crescente a porção de moças indo para o meio urbano buscando a valorização através da à formação educacional.

No contexto de jovens fumicultores (as) de São Lourenço do Sul/RS, Neves (2009, p.131-132) constata que a qualidade do trabalho é fator importante para decisão de permanência ou não no campo, levando as jovens a desistir de projetos de vida na agricultura.

[...] para as moças que comumente exercem atividades pouco reconhecidas e invisíveis ligadas à reprodução familiar, as atividades que executam são pouco convidativas à continuidade, tanto é que, dentre as entrevistadas pelo autor dessa dissertação, nenhuma possui projetos de permanência na agricultura.

Nesse contexto, e com base em questões estruturais e questões identitárias, as moças decidem se permanecerão no campo ou não. Optar por permanecer no campo significa nadar contra a corrente, enfrentar muitas dificuldades e lançar mão de estratégias para seguir seu projeto de vida no campesinato e ser reconhecida como trabalhadora.

3 METODOLOGIA

O método escolhido para a pesquisa é o Estudo de Caso múltiplo, que conforme Araújo et al (2008) trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procura-se compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa, que contou com a realização de sete entrevistas. Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas semi-estruturadas (APÊNDICES A).

A abordagem qualitativa, pela escolha técnica de entrevistas semi-estruturada, é frequentemente utilizada pelas ciências sociais para enfatizar a complexidade da situação, desvendando a multiplicidade de fatos que determinam a realidade estudada (NEVES, 2011). Diferentemente de questionários fechados ou roteiros estruturados, a entrevista semi-estruturada permite uma maior flexibilidade na sua condução e na exploração dos temas, facilitando a compreensão da multiplicidade de fatos que determinam a trajetória de vida das moças camponesas de Santana do Livramento.

As entrevistas foram feitas com moças camponesas entre 19 e 30 anos, as mesmas tiveram seus nomes originais substituídos por nomes de flores nativas do bioma pampa. Essa estratégia foi utilizada para preservar suas identidades. Todas as moças são residentes no interior do município de Santana do Livramento/RS, porém moradoras de localidades diferentes, sendo estas; Assentamento Cerro dos Munhoz, Cooperativa Figueira, Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, Passo do Guedes e Assentamento São Leopoldo (Figura 01).

Figura 1 – Mapa do município de Santana do Livramento com as respectivas localidades de vivência das moças camponesas entrevistadas



Fonte: Emater Escritório Santana do Livramento, modificado por LIMA, C., 2019.

As entrevistas foram realizadas no período de agosto de 2018 a abril de 2019. O deslocamento até as propriedades rurais foi realizado de carona com alguns moradores locais e outras através da colaboração da EMATER/RS.

As entrevistadas foram escolhidas buscando representatividade por localidade, idade, ocupação e estado civil. As entrevistas foram gravadas, com autorização das entrevistadas, transcritas e sistematizadas. Além disso, cada entrevistada assinou um Termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B).

4 RESULTADOS

Esse item apresenta os resultados das entrevistas realizadas com sete jovens camponesas de Santana do Livramento. Apresenta-se primeiramente as jovens mulheres camponesas diante da diversidade e a complexidade de suas trajetórias vivenciadas. Em seguida passa-se a apresentar as discussões sobre as dificuldades enfrentadas diante do lugar de moça camponesa. E no terceiro e último subitem trata-se das estratégias utilizada por essas jovens mulheres rurais para permanecer no campo.

4.1 A DIVERSIDADE E A COMPLEXIDADE QUE ENVOLVEM AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS JOVENS

As sete moças entrevistadas tem idades entre 19 a 30 anos, e são de diferentes localidades do município de Santana do Livramento. Quatro delas tem filhos e três delas não tem. Dessas, quatro moram junto com seus companheiros e três são solteiras.

As entrevistadas residem nas seguintes localidades: duas irmãs residem no passo do Guedes, uma moça cerro dos Munhoz, duas irmãs no assentamento São Leopoldo, outra moça é descendente de Quilombola no Ibicuí da Armada e a última moça reside na cooperativa Figueira. Das jovens em questão, mais da metade são santanense e as demais vieram das cidades de Parobé-RS e Tapera-RS.

As irmãs Tulipa-do-Campo e Sempre-viva moram na localidade do Passo do Guedes, são oriundas de Santana do Livramento, filhas de agricultores familiares, as duas moram e trabalham junto com os pais, numa área de 60 ha, no cultivo de hortaliças e na pecuária de corte. Tulipa-do-Campo tem 28 anos, é casada e tem um filho de nove meses, Sempre-viva tem 19 anos, cursava faculdade e trancou para poder ajudar os pais na propriedade e para ter sua renda. As duas irmãs fazem a comercialização das hortaliças nas terças e sexta na cidade.

Margarida-Amarela, mora na localidade da Cooperativa Figueira, tem 30 anos, nasceu em Tapera-RS, numa família de agricultores familiares. Ela veio para a fronteira com seu esposo para morarem no lote que ganharam do sogro de 26 ha. Nesse lote, trabalham na atividade da bovinocultura de leite. Também nas horas vagas, ela trabalha de pedreira, pois está construindo sua sala de ordenha, insemina

as vacas da propriedade e de seus vizinhos. Durante a semana, também trabalha oito horas por dia no setor administrativo de uma cooperativa e participa do APL (Associação dos Produtores de Leite) do município.

As irmãs assentadas Caraguatá-Marfim e Alecrim-do-Campo, residem no assentamento São Leopoldo, nasceram em Parobé-RS, ficaram acampadas com os pais em Hulha Negra-RS, sendo assentadas posteriormente em Santana do Livramento, cada uma recebeu 28 ha. Elas trabalham em atividades diferentes, pois Caraguatá-Marfim tem vinte e sete anos, tem um filho do seu primeiro casamento, trabalha com artesanato em chinelos, e trabalha por dia, como cozinheira num restaurante perto do seu assentamento. Ela também arrenda seu lote para plantio de soja. Alecrim-do-campo tem vinte e cinco anos, é casada e está grávida, teve experiências fora do assentamento, uma delas foi indo trabalhar em Mato Grosso. Voltando a trabalhar no lote, com seus pais e o marido, Alecrim-do-Campo foi fazer cursos de formação nas escolas do MST. Ela e o esposo foram selecionados para participar do projeto “Sim eu Posso” no Maranhão, um método cubano que alfabetizam jovens e adultos. Depois de dois anos, retornam para o assentamento. Atualmente Lírio trabalha com bovinocultura de leite, mas agora estava um pouco afastada devido a sua gravidez de risco.

Alecrim-das-Pedras, reside na localidade do Ibicuí da Armada, é Santanense tem 24 anos, tem um filho de seis anos, e mora com sua mãe e dois irmãos na propriedade de dois hectares. Ela é solteira e é descendente de quilombolas. Trabalha na colheita da laranja e é diarista em algumas casas vizinhas.

Bem-me-quer-do-Campo é Santanense, mora na localidade do Cerro dos Munhoz, tem 20 anos e passou a pouco tempo pela perda da sua mãe com depressão, e isso fez ela perder um ano dos estudos. Atualmente, retomou seus estudos em nível de ensino médio, sendo a única entrevistadas que estuda. Trabalha com pecuária de corte juntamente com seu pai, e trabalha na bovinocultura do leite com seu irmão na propriedade de 20 hectares, ajuda também no plantio das pastagens.

Das jovens entrevistadas, cinco delas terminaram o ensino médio, uma não terminou e a outra está estudando. O motivo de Tulipa abandonar os estudos foi uma gravidez. Ela precisou parar, pois precisava cuidar da criança, sem o apoio do pai. Depois do nascimento do filho, ela não retornou aos estudos. Segundo Alecrim-das-Pedras “eu gostaria que tivesse aula aqui na campanha, pois eu não tenho como deixar meu gurizinho e ir para cidade [...]”. Assim, a falta de possibilidades de

cursar ensino médio e educação superior no campo (no município, apenas uma escola do campo tem ensino médio), faz com que muitas jovens abandonem os estudos. No caso da jovem que cursava graduação em universidade pública, a falta de assistência estudantil, como casa do estudante e restaurante universitário, fez com que a mesma não conseguisse se manter no curso.

As respostas das jovens divergem bastante umas das outras quando assunto é lazer. Algumas costumam ter várias atividades de lazer. Nesse sentido, Caraguatá-Marfim relata:

Tem a comunidade que abre aqui nos sábados. Tem música, jogo de futebol, tem jogo de carta e tem sinuca. É bem divertido. E no meio da semana, nas horas vagas, visito a minha irmã e acesso as redes sociais. Mas a internet é ruim. De vez em quando vamos para a cidade. E, às vezes, se junta a família, se reúne para fazer pastel, já que a família é grande.

Nesse caso, a comunidade do assentamento oferece várias opções de divertimento nos finais de semana que são aproveitadas pela jovem. Entretanto, sua irmã Alecrim-do-Campo mora no mesmo assentamento e não costuma participar dessas atividades: “Eu sou um bichinho do mato, fico só enfurnada em casa. Quando minha mãe está em casa, à gente sai. Eu gosto mesmo de ficar em casa, eu sou caseira. Gosto de olhar filme. Na comunidade tem distração para jovens, eu que não vou”. Observamos que o gosto de cada jovem também interfere nas relações sociais e nas opções de lazer escolhidas.

Outra jovem que costuma sair bastante para se divertir é Sempre-Viva. Além das redes sociais, ela busca diversão em bailes na cidade e rodeios perto da sua casa. Já sua irmã Tulipa-do-Campo, mesmo gostando dessas mesmas opções, fica em casa cuidando e curtindo o seu bebê de poucos meses.

Para algumas jovens, sobra pouquíssimo tempo para lazer, já que a carga de trabalho é pesada. No caso de Margarida Amarela, que exerce várias atividades, o lazer fica em último lugar.

Eu nem tenho hora vaga. Eu trabalho de servente de pedreira em casa, arrumo a casa, lavo roupa, porque durante a semana eu tiro leite e vou para cooperativa e só volto a tardinha para ajudar na ordenha. Então nos finais de semana tiro para fazer as lidas da casa. Em geral ajudo mais no galpão e quando chove ai sim fico assistindo televisão com o Eduardo, tomo mate. Ou a gente sai na volta e vai no rio tomar banho. Fizemos as junções com a gurizada para comer pizza, tudo isso uma fugidinha, pois toda correria é para melhorar a produção futura.

Essa segunda e terceira jornada de trabalho das mulheres no campo são trabalhadas por Paulilo (2016). Enquanto os homens costumam se dedicar às atividades percebidas com produtivas na propriedade, as mulheres participam dessas, e assumem, de forma desigual as atividades percebidas como reprodutivas, como o cuidado da casa, dos filhos e dos enfermos. Caso haja uma divisão justa do trabalho doméstico, a mulher também teria seu tempo de lazer garantido, podendo aproveitá-lo, inclusive, junto à família.

Nos outros dois casos, as entrevistadas relatam que tem poucos divertimentos. Bem-me-quer-do-Campo costuma ficar em casa, fazendo as lidas, como ela diz. Já Alecrim das Pedras diz que onde mora não tem opções de lazer, além da internet. De forma geral, percebemos que falta mais opções de lazer para essas moças nas comunidades onde elas vivem, como atividades que integrem as jovens, e onde elas possam dividir as suas angústias e alegrias. Também no âmbito da família, costuma-se dedicar pouco tempo para o lazer. Entretanto, o lazer é importante na vida das jovens e é um aspecto que pesa na decisão delas de ficar ou sair do campo.

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre o acesso a informação nas localidades onde vivem, houve um relato unânime, em um sentido positivo, todas as moças disseram que tem acesso as internet, desta forma acabam buscando o conteúdo desejado. As entrevistadas Sempre-viva e Tulipa relataram que utilizam deste meio para elevar o marketing de seus produtos, assim buscando atingir mais clientes e fazendo uma relação direta entre produtor e consumidor.

Quando as moças questionadas quanto à realização de cursos de formação, houve respostas distintas. Alecrim-das-Pedras relatou que nunca participou de cursos de formação. Já Alecrim-do-Campo comentou que já fez diversos cursos de formação, muitos pelo MST, resultando em vários diplomas. Já a entrevistada Sempre-Viva respondeu que fazia um curso de graduação da área de agrárias na UERGS, mas teve que abandonar para poder trabalhar com a família. Ela também já fez cursinhos direcionados às mulheres do campo e oferecidos pela Emater e pela Uergs.

Nessa questão de formação, assim como nas demais, as respostas das jovens são variadas. Não poderia ser diferente diante da diversidade de perfis das moças. Já em alguns pontos existem convergências, como em relação ao gosto pela

vida no campo e a necessidade de superação diária de dificuldades para se manter nesse lugar.

4.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS POR ELAS A PARTIR DO LUGAR DE MOÇA CAMPONESA

Uma das principais questões desse trabalho foi “o que é ser jovem rural para você?” A partir dela podemos chegar a algumas percepções das moças sobre ser jovem e ser do campo. Durante as entrevistas, essa pergunta foi feita buscando sempre deixá-las à vontade para a melhor obtenção de respostas naturais, sempre prezando a percepção das próprias jovens na condição de camponesas. Desta forma houve o relato da Caraguatá-Marfin:

Eu não sou mais tão jovem, eu estou quase com 30 e que pergunta difícil. Ah, não sei se é uma boa coisa, mas ser jovem e estar no campo é melhor que na cidade, que se foge das coisas ruins das cidades, as drogas as bebidas.

Nesse mesmo sentido, Alecrim-do-campo relata que acredita que ser jovem rural, é ser mais saudável do que ser jovem urbano. Ela também fala sobre o menor contato com a violência e bebida quando comparado ao contexto urbano.

Já para Alecrim-das-Pedras e Bem-Me-Quer-do-Campo o fato de ser jovem rural está associado às atividades agrícolas, conforme o relato; “*Nasci e vivi e me criei aqui, sair daqui só para estudar, mas para retornar para a propriedade fazendo todas as lidas de campanha*” (Bem-Me-Quer-do-Campo, 20 anos). Nas palavras de Alecrim-das-Pedras, ser jovem rural “*é gostar de morar no campo, de fazer as lidas*”. Para Margarida-Amarela, o sentido também está no trabalho, trabalhar na propriedade e fazer o que se gosta. Sempre-Viva resume o gosto pelo campo: “Eu tenho orgulho de ser jovem rural, porque a cada dia está mais difícil ter jovem no campo”. Assim, ser jovem rural para elas está relacionado à vida saudável, ao trabalho nas atividades agropecuárias e ao gosto pelo trabalho e pela vida no campo.

Dando seguimento ao pensamento das jovens, as questionamos quanto às facilidades ou dificuldades vivenciadas pelo fato de serem jovens e mulheres rurais. Ainda hoje existe uma grande dificuldade das mulheres, principalmente as jovens, serem reconhecidas pelas atividades desenvolvidas dentro das propriedades

agropecuárias. Isso pode ser claramente percebido diante da fala da Alecrim-das-Pedras, que relata a grande dificuldade para conseguir emprego no campo, sendo que é perceptível ser mais fácil para as pessoas do sexo masculino. Nessa mesma linha, Alecrim-do-Campo enfatiza a condição de jovem camponesa da seguinte forma:

Não só em ser mulher rural, mas a nossa sociedade continua sendo muito machista. Por mais que a gente lute, nós mulheres somos sempre julgadas perante a sociedade. O sexo frágil que de frágil não tem nada. Mas acho sim que no campo aqui a gente faz todos os serviços de igual para igual, mesmo que o serviço de casa é só da mulher, que ainda vamos quebrar esse paradigma.

Como já observado em outro momento, infelizmente as mulheres normalmente são excluídas do processo de gestão das unidades de produção agrícola, ficando em segundo plano diante das tomadas de decisões. Algumas das mulheres como Alecrim-das-Pedras e Bem-Me-Quer-do-Campo, relatam que a tomada de decisão é prioritariamente feita pelos seus irmãos, deixando-as sem possibilidade de optar nas decisões. Contudo, através de outras entrevistadas é possível perceber que está acontecendo um acordo pela tomada de decisão e divisão de renda na família. Tulipa-do-campo e Sempre-Viva relataram que em sua família existe essa divisão porque trabalham buscando um equilíbrio para evitar conflitos.

As moças mostram que estão conscientes da dominação masculina que existe no campo. Nas palavras de Sempre-Viva:

Eu acredito que sim, que vivemos num mundo muito machista, e os nossos homens acham que a mulher não pode estar presente, porque é mulher tem que estar atrás de um fogão e não ajudando eles na tarefa de campo, e isso nós enfrentamos diariamente.

Outros elementos também são mencionados. Na percepção de Alecrim-do-Campo: “a dificuldade para nós aqui é o estudo. Que nem eu digo assim os ônibus sempre uma briga para levar a gente. A facilidade tu és mais livre no assentamento, os amigos mais perto e próximo”. Já para Tulipa-do-Campo: “Acho que não, a dificuldade maior é no serviço mais bruto, mas como a gente trabalha junto, nós dividimos as tarefas. A facilidade é que nós mulheres para venda somos mais Comunicativas, tem um desenvolvimento melhor”. Algumas moças com Caraguatá-Marfin e Margarida-Amarela, relataram que os pontos positivos de viver no campo

estão relacionados à possibilidade de ter amigos mais próximos e verdadeiros e à segurança patrimonial das propriedades.

É unânime entre as jovens o gosto pela vida no campo. A avaliação positiva do modo de vida no espaço rural pelas entrevistadas também foi encontrado no contexto de jovens rurais fumicultores (as) de São Lourenço do Sul (NEVES, 2009).

Foi possível perceber que todas as moças relatam gostar de morar no campo devido à possibilidade de ter uma vida mais saudável e tranquila. Sempre-Viva resume bem a questão: “É o lugar que eu me sinto bem”. Algumas jovens também fizeram referências às atividades desenvolvidas, mostrando que tem afeto pelo trabalho realizado, muitas vezes até relacionado com a natureza e o trato de animais. Na resposta de Alecrim-do-Campo é possível observar essa questão.

Sim, pois não há preço que pague as galinhas cacarejando, os passarinhos cantando, não tem vizinhos do lado e as drogas e a violência não têm muito ainda no campo. E eu não troco por nada essa vida no meio rural. Por enquanto eu moro com meus pais, mas queremos conseguir um lote com meu esposo e o meu bebê que está por chegar.

Algumas jovens relataram já terem tido a oportunidade de vivenciar a rotina urbana, realizando uma espécie de comparação com as duas formas de vida, como é o caso da entrevistada Margarida-Amarela.

Sim eu gosto porque já nasci no interior e já tive a experiência de morar na cidade por uns meses para cuidar da loja de minha vó, e não gostei. O motivo que eu gosto de morar aqui porque eu gosto de ter minha liberdade e de ter autonomia de estar ali na frente de casa e de fazer o que quiser porque os vizinhos não são perto e pela qualidade de vida e sem ter aquele “furdunço” de barulho da cidade e a segurança e a questão do alimento. Se a gente quisesse produzir seria pouca coisa que compraríamos de fora.

Conforme estudos já analisados houve a percepção do grande fluxo de jovens mulheres rurais do campo para os centros urbanos nas últimas décadas, as mesmas muitas vezes são suprimidas no espaço rural e acabam por ir a busca de oportunidades para o crescimento pessoal e profissional. Porém, infelizmente, essas moças acabam se distanciando da sua base e do modo de vida do campo, de forma a desestruturar o equilíbrio social no espaço rural. Contudo, ainda é possível encontrar mulheres no campo, sendo com mais facilidade as mulheres de idade mais avançada e com maior dificuldade para encontrar jovens camponesas.

Através da pesquisa que contemplou essa categoria, foi questionada a motivação dessa decisão de permanência no rural. As moças relataram diversos fatores para essa escolha de permanecer no campo. A moça Alecrim-do-Campo destaca a qualidade de vida como fator principal. Já Margarida-Amarela ressalta a possibilidade de fazer o seu próprio horário e de ter possíveis rendas maiores quando comparada aos provimentos do trabalho na cidade.

Foi possível observar que quando existe o incentivo dos pais pela atividade agrícola, a permanência na propriedade é potencializada. Isso ficou claro no relato de Sempre-Viva.

Pela questão do gosto, e foi o que eu aprendi a fazer desde pequena e tendo o exemplo e o incentivo dos meus pais. Pois eu acho é a onde eu me encaixo. E por ser meu próprio patrão, eu faço meus horários embora trabalhamos juntos em família.

Isso mostra que quando a figura da jovem mulher rural é reconhecida, mas é importante destacar que esse reconhecimento precisa ser amplo, incluindo a família, comunidade e Estado, bem como considerando elementos objetivos, que incluem desde acesso a oportunidades de formação até acesso a terra e condições para produzir. Elas não procuram sair da propriedade para conquistarem a sua autonomia. Dessa forma, acredito que trabalhos voltados para o incentivo e a valorização dessas moças são de grande validade para a permanência no campo. Na fala de Sempre-Viva também aparece o gosto. O gosto pelo modo de vida camponês, pelo trabalho na propriedade, pela tranquilidade, pela companhia de amigos e familiares é o que motiva a permanência das jovens no campo. Conforme Bourdieu (2007), esse gosto é socialmente construído.

4.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PERMANECER NO CAMPO

Através das entrevistas, foi possível constatar que os trabalhos realizados pelas jovens para se manterem no campo são diversos, sendo alguns direcionados às “lidas” do campo (atividades agropecuárias realizadas na propriedade como tirar leite, trabalhar com gado, na horta), e outras, voltadas à comercialização dos produtos e atividades não-agrícolas, como, por exemplo, abastecer armazéns e feiras com os produtos oriundos da propriedade, confeccionar artesanatos, realizar faxinas em residências, atuar por dia como cozinheira. Algumas moças que

possuem filhos pequenos relatam que esse fator dificulta um pouco o envolvimento com as tarefas, porém não deixando de realizar o que estiver dentro da sua possibilidade no momento, isso é o que podemos ver conforme o relato de Tulipa-do-Campo:

Hoje atualmente eu estou trabalhando menos, porque eu estou com meu bebê de 10 meses, mas sempre trabalhei no campo direto e nas hortas. Hoje estou mais caseira e com a venda dos hortifruti.

As moças relatam que são “pau para toda obra”, ou seja, faz de tudo um pouco sem especificação das tarefas a serem realizadas. Tem-se o exemplo da jovem Margarida-Amarela que no período da pesquisa, entre outras coisas, estava trabalhando como auxiliar de servente de pedreiro em sua propriedade.

Quando observamos os relatos das jovens rurais no quesito produção realizada por elas na propriedade, existe uma variação de atividades produtivas, sendo que Sempre-Viva e Tulipa-do-Campo trabalham com horticultura (alface, couve, rúcula, cenoura, beterraba, etc). A maior parte da produção é vendida em feiras locais (para atravessadores) e parte é direcionada para o autoconsumo da família. Já as jovens Margarida-Amarela e Bem-Me-Quer-Do-Campo trabalham com a produção leite que é vendida diretamente para a cooperativa. Também trabalham com o manejo do gado de corte, esse que é vendido em momentos considerados estratégicos. A moça Bem-Me-Quer-Do-Campo relata o seguinte:

O consumo é o que plantamos na horta e de chácara, e o que é vendido é o leite para cooperativa e o gado de corte que é vendido, mas que agora estamos enfrentando uma dificuldade para vender devido ao preço.

Podemos observar que as jovens entrevistadas costumam se envolver com várias atividades agropecuárias em suas propriedades. O caso que chamou atenção foi o da jovem Caraguatá-Marfim que não desenvolve nenhuma atividade agropecuária momentaneamente, mas sim arrenda seu lote para o plantio de soja. Assim, ela fica dependente de atividades de terceiros, de forma a ficar sem autonomia tendo que esperar o rendimento da safra. Ela busca atividades não-agrícolas como artesanato e trabalho como cozinheira por dia para complementar sua renda. Essa parece ser uma situação momentânea já que ela se divorciou há pouco tempo e mostra interesse em retornar à bovinocultura de leite.

Quando questionadas sobre as estratégias para conquistar seu dinheiro, foram bem diversificadas as respostas. Alecrim-do-Campo e Caraguatá-Marfim, além da produção de hortaliças encontraram uma alternativa de rendimento monetário através da confecção de artesanatos. Margarida-Amarela tem sua renda principal vinda da atividade leiteira, porém como estratégia para o incremento dessa renda, desenvolve serviços administrativos em uma cooperativa da qual faz parte. Sempre-viva utiliza como estratégia a de determinadas cultivos específicos na propriedade da família dos quais os rendimentos são destinados só para ela. Tulipa-do-Campo acha que uma boa estratégia é ter algumas vacas de campo podendo fazer negócios sempre que achar favorável. Algumas dificuldades sempre são encontradas e infelizmente algumas tentativas são frustradas, contudo as estratégias permeiam essas dificuldades sempre na busca de uma alternativa viável, isso é possível observar no relato de Bem-me-Quer-do-campo.

Já tentei vender queijo, mas não é sempre que sai e agora eu tenho uma vaca em ordenha. Há um ano toda minha renda era também que eu tirava leite a mão e vendia de garrafa, mas agora eu trabalho com o mano e entrego o leite com ele junto para o caminhão.

Já Alecrim-das-Pedras viu como melhor alternativa o trabalho fora da propriedade para obter sua renda. Ela realiza trabalhos na vizinhança como diarista e em determinado período do ano, quando é época, participa da colheita de laranjas. Quando questionado porque não trabalha na sua propriedade, ela afirma que trabalhar fora é uma forma de ter o seu dinheirinho na hora, sendo que é isso que ela prioriza. Seu sonho é ter carteira assinada, pois ela relata que sua propriedade é pequena e não tem como produzir para obter seu sustento e de sua família. Realmente, dois hectares de terra são muito pouco para a família, ainda mais no contexto de difícil acesso e distância de 50km da cidade. Isso faz com que se busque outras estratégias para continuar no campo. A prestação de trabalho em propriedades agropecuárias próximas é recorrente na comunidade quilombola devido a esse fato que a área das propriedades costuma ser insuficiente para a manutenção das famílias.

Foi possível observar que os tamanhos das propriedades variam consideravelmente (de dois hectares a sessenta hectares). Isso faz com que algumas moças procurem trabalho fora da propriedade por acreditar que devido ao

tamanho da sua propriedade fica inviável garantir o sustento somente através de atividades agropecuárias realizadas ali.

Em relação ao acesso às políticas públicas, verificou-se que muitas jovens não tiveram acesso ou não se interessam por essas políticas. Caraguatá-Marfim falou que recebe Bolsa-Família e que está tentando fazer um bloco de produtor para futuramente fazer um PRONAF. Algumas só ouviram falar, na TV ou por vizinhos que tiveram acesso a esse tipo de política pública. Vale destacar aqui o quase desabafo da jovem Tulipa-do-Campo “Não conheço e não tenho vontade porque a burocracia é muito grande, eu estava arrumando os papéis para tirar um trator, mas por tal burocracia eu desisti”. Muitas jovens rurais não são bem orientadas pelos órgãos responsáveis por promover o desenvolvimento rural, que poderiam dar uma melhor assistência.

A última pergunta feita nas entrevistas provocou emoção: “O que você pensa em relação ao futuro?” A jovem Caraguatá-Marfim diz que o sonho dela é estudar e se formar, entre outras coisas, Alecrim-do-Campo diz: “ter o nosso lote, tirar nosso sustento da terra, construir nossa casa, ter uma horta e vender na feira da agricultura familiar. Meu marido queria que eu fizesse medicina em Cuba, mas eu quis vir e voltar a trabalhar com minha família”.

E assim, todas têm sonhos relacionados à vida no campo como, por exemplo: Margarida-Amarela sonha ter uma boa estabilidade financeira, ter sua própria casa e uma vida mais digna e um futuro sem muitas preocupações com doenças e que o casal envelheça junto. Já Tulipa-do-Campo fala que o futuro a Deus pertence, mas o que depender dela irá sempre trabalhar para que seu filho tenha o básico para viver bem. A jovem Sempre-Viva fala que sonha com um futuro sem desigualdades de gênero e que todos valorizem o rural, pois, conforme ela é no campo que se abastece a economia das cidades. E por último, temos a Bem-Me-Quer-Do-Campo que fala que seu maior objetivo é terminar o ensino médio e pensa fazer um curso superior, mas sem abandonar suas origens, que é a vida no campo onde ela tem seus animais.

Observando todos estes depoimentos vemos que as jovens camponesas querem continuar a trabalhar no campo, mas sem deixar de desfrutar das tecnologias, e também sem deixar de se divertirem

Podemos dizer que se houvesse mais incentivo por parte dos governantes e universidades, fazendo trabalhos de motivação, encontros de jovens mensais nas

comunidades, a mesma fazendo rodas de discussão, e mais equidade de gênero, outras jovens poderiam ter o entusiasmo para permanecer no campo.

Resumidamente, as principais estratégias utilizadas pelas jovens camponesas para se manterem no campo são o trabalho em atividades agropecuárias da família, buscando, por vezes, desenvolver cultivos próprios e assumir a comercialização dos hortifrutigranjeiros na cidade; combinar o trabalho em atividades agropecuárias na propriedade com o trabalho externo (pluriatividade); arrendar a terra para terceiros e complementar a renda com artesanato; e obter a renda somente a partir de trabalhos como diarista fora da propriedade. Essas são as formas encontradas por cada jovem, a partir de sua realidade, para seguir seu projeto de vida no campo.

Podemos buscar na perspectiva da Diversificação dos meios de vida elementos para entender a opção das jovens entrevistadas por essas estratégias. Em Perondi e Schneider (2012) encontramos noções e conceitos que caracterizam a diversificação dos meios de vida:

A primeira delas refere-se à própria definição de livelihood (meio de vida), que pode ser entendido como o conjunto de ativos, atividades, formas de acesso e uso que determinam o modo de viver de um indivíduo ou de uma família. A segunda refere-se à noção de diversidade, que é um atributo que se manifesta segundo diferentes formas de renda, atividades, ocupações, sistemas de produção, estrutura fundiária, entre outras. A terceira refere-se à diversificação, que remete ao entendimento do processo social e econômico de criação da diversidade dos meios de vida. (ELLIS; FREEMAN, 2005. p.4 apud PERONDI, SCHNEIDER, 2012)

Conforme Perondi e Schenider (2012), a diversificação dos meios de vida está relacionada com a melhoria da qualidade de vida.

O campo se mostra como um ambiente hostil às jovens camponesas, marcado pelo forte êxodo de moças, pelo intenso machismo, dificuldade para participar da gestão da propriedade, dificuldade para estudar, tamanho reduzido de algumas propriedades, difícil acesso e dificuldade para acessar políticas públicas. Nessas condições, falando sobre essas jovens do campo, entendemos que a diversificação dos meios de vida não leva necessariamente à melhoria da qualidade de vida. Essa questão é complexa e permeada pela desigualdade de gênero e por questões estruturais. Vejamos por que:

No caso da jovem quilombola, Lírio das Pedras, claramente existe um problema estrutural relacionado ao acesso à terra. Assim, ela faz faxina e colhe laranjas recebendo por dia, sem vínculo empregatício, nem garantias trabalhistas, porque não consegue pensar em alternativas para garantir o sustento seu e de seu

filho a partir do minifúndio de 02ha da família que está a 50km da cidade. Entendemos que essa necessidade precariza seu trabalho e prejudica sua autonomia no campesinato. Quando ela busca um emprego com carteira assinada nas propriedades da região, mas uma vez o fato de ser mulher a distancia desse objetivo. Ela precisa acessar a terra, como muitas outras jovens.

No caso de Sempre-Viva que apostou na comercialização dos produtos da família, além da produção, tendo uma parte da produção para si própria, isso beneficia sua qualidade de vida e condições de trabalho. Entretanto, isso somente foi possível porque sua família é aberta a ouvir suas ideias e dá espaço para ela participar da gestão da propriedade, o que não costuma acontecer com as moças camponesas.

No caso da jovem que trabalha com bovinocultura de leite e passou a trabalhar na cooperativa, Margarida-Amarela, essa opção gerou aumento de sua autonomia, visibilidade e reconhecimento do seu trabalho. Entretanto, a diversificação dos meios de vida realmente melhorou a sua qualidade de vida? Nesse caso, aumentou a renda, mas gerou sobrecarga de trabalho. Se o trabalho doméstico fosse dividido de forma justa entre o casal, isso não aconteceria. Ela também teve que enfrentar o marido para aceitar o convite para trabalhar fora.

A jovem Caraguatá-Marfin disse que quer retomar os estudos, entretanto parar de estudar não foi somente uma questão estrutural nesse caso. Ela queria seguir os estudos, mas o ex-companheiro não permitiu. Assim, até a qualificação delas é prejudicada pela dominação masculina. Quando falamos sobre a crise sucessória no campesinato e de alternativas para enfrentá-la, é necessário ter claro que a desigualdade de gênero tem papel de destaque nesse campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido nos traz a possibilidade de compreender as percepções das jovens camponesas de uma maneira única. Isso só foi possível devido às moças terem sido colocadas como sujeitas da investigação, fugindo das dinâmicas mais comuns das pesquisas sobre sucessão no campesinato ou na agricultura familiar no Brasil, onde tradicionalmente trabalha-se com jovens rurais sem o aprofundamento adequado de questões de gênero.

As jovens investigadas deixaram claro que são cientes da desigualdade de gênero existente no campo. Todas elas mostraram preocupação em relação a esse assunto. As moças lutam diariamente pelo reconhecimento como jovens do campo e como trabalhadoras, sempre buscando ocupar espaços que irão levá-las a uma vida mais digna e com posição respeitada.

As trajetórias de vida das moças se diferenciam bastante entre si, pois além de sistemas de produção diferentes e trabalhos diferentes, estas jovens pertencem a grupos sociais que tem especificidades, como assentados da reforma agrária, quilombolas, pecuaristas familiares, etc. Apesar disso, todas elas mostraram que se identificam com o campo e tem em suas projeções a vontade de permanecer no espaço rural devido a consideração de terem uma melhor qualidade de vida quando comparada a vida levada nas cidades.

Em relação às dificuldades encontradas pelas jovens, destaca-se a necessidade de enfrentar o machismo existente no campo. Percebe-se que a falta de reconhecimento dessas jovens diante do trabalho desenvolvido dentro das unidades de produção agrícola interfere diretamente no direito à participação no processo de gestão das propriedades. A dificuldade de acesso à educação também ficou evidente, sendo que, apesar disso, fica claro o desejo dessas moças permanecerem no espaço rural, porém, sempre buscando melhores condições e reconhecimento.

Para as jovens camponesas manterem-se no campo, utilizam várias estratégias. Isso mostra que essas jovens mulheres têm uma grande capacidade para se adaptarem a contextos hostis em busca de renda para viabilizar a permanência no campo. As principais são o trabalho em atividades agropecuárias da família, buscando, por vezes, desenvolver cultivos próprios e assumir a comercialização dos hortifrutigranjeiros na cidade; combinar o trabalho em

atividades agropecuárias na propriedade com o trabalho externo (pluriatividade); arrendar a terra para terceiros e complementar a renda com artesanato; e obter a renda somente a partir de trabalhos como diarista fora da propriedade.

Para potencializar a permanência das jovens no campesinato com qualidade de vida, o ideal seria que pudesse haver mais incentivo dos órgãos públicos e uma integração com as universidades viabilizando projetos direcionados para essas jovens estimulando o trabalho. Dessa forma, elas teriam mais apoio para tirar todo seu sustento ou um pouco da propriedade, fazerem cursos nas próprias comunidades, levando em conta as distâncias e aproveitando os seus conhecimentos empíricos, valorizando, dessa forma, seu lugar onde vivem junto com seus companheiros e seus familiares. Também é essencial que sejam combatidas as desigualdades de gênero em todos os espaços sociais.

Espera-se que esse estudo tenha uma contribuição positiva para a compreensão do tema e para mostrar que essas jovens mulheres merecem ter visibilidade para serem ouvidas e respeitadas. Quando houver novas pesquisas relacionadas ao tema, sugiro que seja feito um aprofundamento na discussão referente ao posicionamento da jovem camponesa da Pampa diante do atual contexto social, mostrando aos órgãos competentes que essas jovens existem e merecem atenção na formulação de políticas públicas. Dessa maneira, pode-se colaborar para a saída dessas jovens da invisibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C et al. Estudo de Caso. **Métodos de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia**, Universidade do Minho, 2008.

BOURDIEU, P. “A Juventude é apenas uma palavra” in **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: arco Zero Limitada, 1983.

BRASIL. **LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 28 mai. 2019.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.12. n. 1, p. 205-227, 2004.

BRUMER, A; DOS ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera**, n. 12, p. 6-17, 2012.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. C. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. 444 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino americana de Ciências Sociais, Niões e Juventud**, v.1, n.7, p. 179-208, 2009.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B. Apresentação. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. Gênero e campesinato no Sul do Brasil: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 09-15.

COSTA, C; FROEHLICH, J. Políticas públicas e masculinização rural no Rio Grande do Sul-uma abordagem a partir das condições regionais. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, 2014.

DURSTON, J. **Juventud rural en Brasil y México: reduciendolainvisibilidad**. Santiago do Chile: CEPAL, 1998. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/19783>. Acesso em: 18 mai. 2019

GOUVEIA, T. M. V. Muito trabalho e nenhum poder marcam as vidas das agricultoras. **Observatório da Cidadania-Relatório**, 2003.

MARIN, J. O. B. **Jovens mulheres rurais: tussituras de diferenciados projetos profissionais**. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. Gênero e campesinato no Sul do Brasil: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 63 -93.

MARIN, J. O. B. Crédito juvenil: a construção social da juventude rural moderna. **Extensão Rural**, v. 24, n. 2, p. 22-36, 2017.

MARIN, J. O. B. Juventud rural: una invención del capitalismo industrial. **Estudios Sociológicos**, vol. XXVII, núm. 80, mayo-agosto, 2009, p. 619-653.

MOURA, M. M. **Camponeses**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, N. F.; FERRARI, E. A. Juventudes e agroecologia: a construção da permanência no campo na zona da mata mineira. **ANA: Rio de Janeiro, Brazil**, 2016.

NEVES, J. A. S. Entre a permanência e a migração: a opção dos jovens agricultores a partir da qualidade do trabalho na produção de fumo em São Lourenço do Sul-RS. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. PoA: UFRGS, 2009, 169 p.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa** – Características, Usos e Possibilidades. 2011.

PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 229, 2004.

PAULILO, M. I. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

PERONDI, M. A.; SCHNEIDER, S. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. **REDES - Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 117 - 135, maio/ago 2012.

REDIN, Ezequiel. O futuro incerto do jovem rural. **4º Encontro Juventude, Consumo & Educação**. v. 8, n. 1, p. 37-43, 2014.

SAFFIOTI, H. I. B. Eqüidade e paridade para obter igualdade, O Social em Questão, Nº 1. **Revista do Programa de Mestrado em Serviço Social da PUC-Rio**, p. 63-70, 1997.

SAFIOTTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SPANVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 221 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2008.

STROPASOLAS, Valmir L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 253-267, jan.-abr. 2004.

TROIAN, A. Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS. 2004. 292 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2004.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES

- 1) Inicialmente gostaria que você se apresentasse. Me conte sobre tua vida.
- 2) O que é ser jovem rural para você?
- 3) Sente alguma facilidade ou dificuldade por ser jovem e mulher rural?
- 4) Você gosta de morar no campo? Por quê?
- 5) Por que você optou em ficar na propriedade?
- 6) Você participa da tomada de decisões e da divisão de renda na propriedade?
- 7) Quais são os trabalhos que você faz hoje?
- 8) O que você produz em sua propriedade? O que destinado ao consumo e o que é vendido?
- 9) Quais estratégias que você já usou para ter o seu dinheiro?
- 10) Você tem acesso a informações?
- 11) Participa de curso de formações? Quais?
- 12) Você conhece as políticas públicas voltada para as mulheres? você tem acesso a alguma política pública?
- 13) Você tem alguma renda atualmente. Qual?
- 14) Nas horas vagas, o que você faz? e na sua comunidade o que tem a oferecer?
- 15) O que você pensa em relação ao futuro?

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo:

Pesquisador responsável:

Prof. Orientador:

Instituição: UERGS Santana do Livramento

Telefone para contato:

Prezada Entrevistada,

Você está sendo convidada a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O objetivo desse estudo é pesquisar as trajetórias vivenciadas por jovens camponesas no município de Santana do Livramento/RS, buscando assim compreender as diferentes estratégias utilizadas pelas mesmas para permanência no campo. Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas. A entrevista poderá ser gravada, caso seja autorizada a gravação. Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____ RG _____ ou CPF _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santana do Livramento, ____ de _____ de 2019.

Assinatura da entrevistada

Pesquisadora responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, entre em contato: **UERGS** Santana do Livramento, Rivadávia Correia, 825. Telefone: **(055)32441440**, Orientadora Prof. Dra. Cassiane da Costa.